

Prefácio à "A Raposa e as Uvas"

— Guilherme Figueiredo —

No ano de 1667 a minha possibilidade de escrever "A raposa e as uvas" correu um grande risco. Nesse ano, Jean-Baptiste Poquelin, "comédien du roi", tendo rompido com a esposa, Armande Béjart, deixa Paris e vai morar em Auteuil. Desgostoso, tem como distração longas conversas literárias, numa taberna do Faubourg St. Honoré, com o jovem epicurista Chapelain, o satírico Boileau, o velho Pierre Corneille e dois xarás, Jean-Baptiste Racine e Jean de La Fontaine. Este último que, anos antes, em 1659, escrevera a sua primeira comédia "Clymène", andava a preparar a primícia coleção das "Fables". Racine escrevia então a sua única comédia, "Les Plaideurs" cujo assunto fora buscar nas "Vespas" de Aristófanes. E Poquelin, "dit" Molière, compunha o "Amphitryon", tendo Plauto como modelo, enquanto o velho Corneille, glorioso depois de incursões em Grécia, Roma e Espanha, sofria a presença da geração mais moça.

Era natural que falassem de teatro. E era natural que falassem também da adaptação que La Fontaine fazia duma "Vida de Esopo", que abria as "Fables". Essa "Vida de Esopo" tinha sua história. Nasceu das narrativas esópicas que corriam em Atenas ao fim do século V; e mais da menção de Aristófanes do fabulista frígio, na comédia dos "Passáros", e da narrativa de Platão no "Fédon", segundo a qual Sócrates se divertia em verificar as historietas do fabulista; da coleção feita, no século seguinte, das fábulas por Demetrio de Falero; das adaptações dos romanos Babrius, Fedro e Avianus; da versão de Inácio Dicaño, no século IX; tudo misturado às informações de Heródoto, Aristóteles e Plutarco, no que diz respeito às lendas sobre o fabulista. De tudo o monte grego Maximus Planude, no século XIV, tirou a sua "Vida de Esopo", que La Fontaine estava naquela época adaptando para colocar à entrada de suas primeiras "Fábulas" dedicadas ao Delfim de França.

Mas nenhum daqueles caçadores de assuntos teatrais da antiguidade ao ler na taberna de St. Honoré a adaptação de La Fontaine, viu o que já vira o comediógrafo Alexis, tio de Menandro, que morreu aos 106 anos ao ser coroadado no palco e cujas obras se perderam; que nas históricas da vida de Esopo havia uma peça. Nenhum. Nem o próprio La Fontaine que, se o tivesse descoberto, haveria de extrair dali algo como "La coupe enchantée"; nem Racine, que poderia ter deixado mais uma comédia alem dos "Plaideurs"; nem Molière que teria dado ao assunto a graça que emprestou ao "Amphitryon"; nem Corneille, que talvez lhe puzesse o toque grandioso do "Cid". Que sorte para o humilde autor de "A raposa e as uvas" e que desgraça para o pobre Esopo!

O fabulista e o seu fabulário só seriam postos no teatro em 1690, na comédia "Les fables d'Esopo" ou "Esopo à la Ville", de Boursault, tirada evidentemente de La Fontaine e de sua adaptação de Planudes e, no ano seguinte, numa "Esopo" ou "Esopo à la Cour", de Le Noble, representada pelos "italiens", peça versificada em que a

influência da "Commedia dell'Arte" na França coloca Arlequim como Esopo ("Arlequin y est un sage aimable", diz G. Attinger). Nem Boursault nem Le Noble chegaram ao teatro vivo de hoje. Depois deles, só Antonio José, "O Judeu", escreveu uma "Esopaida" em 1731. E' assim que o autor de "A raposa e as uvas" encontra o assunto quase inédito.

Bem que Esopo merecia melhor destino, o mesmo destino da lenda do Anfitrião, com mais de quarenta comédias no teatro de todo o mundo... Desgraçadamente Esopo não era um semi-deus, mas um escravo; não aparece na "Teogonia" de Hesíodo, nem em Píndaro, mas se transmite pela tradição oral popular; não era belo, mas feio; não falava da mitologia do Céu, da Terra, do Relampago, dos olhos de Hera e da beleza de Afrodite, mas da esperteza da raposa, da vaidade das rãs, da imprevidência da cigarra, de animais que davam lições ao homem. O seu "mythós" não era a explicação mágica e poética do sobrenatural; era uma incomoda aula de ética prática, uma invenção sobre bichos a que se seguiu a frase da "moralidade": "Ho mythós enikese..." Era um pregador e portanto um ser desagradável às consciências que procuram pôr de lado as angústias da dúvida e do remorso. Não é atoa que haja sido condenado por um crime que não praticou, exatamente como o Sócrates que o amava. Seu pecado foi o que o homem vulgar jamais perdôa no próximo: o de fazer-se exemplo.

Por isso mesmo o autor de "A raposa e as uvas" reconhece na sua peça um grave defeito: é que, sendo a própria vida de Esopo uma fábula, como o eram as suas histórias, nasce no fim do drama a frase anti-teatral: "Ha mythós enikese..." Ela corre por conta do inevitável do assunto e não porque o autor deseje encerrar seu trabalho como um teorema: "Como queríamos demonstrar". O pregador é Esopo. Não eu.

As liberdades de cronologia e anacronismos talvez afluam quem procurar aqui rigor histórico. Lembro que ouve na verdade vários Esopos fabulistas, em várias épocas da Antiguidade, e até mesmo um não fabulista, mas ator, mestre de Cícero, e que representava com tal intensidade dramática que um dia, ao exprimir a fúria de Atreu, matou um espectador. O meu Esopo pretende ser uma síntese poética dos fabulistas. Por isso não tem data. Hoje pode ser o dia de seu nascimento, como o de sua morte.

Não posso terminar esta nota sem uma palavra de agradecimento a Aldo Calvet e Henrique Pongetti que honraram a minha peça, escolhendo-o para integrar o repertório da Cia. Dramática Nacional, ao lado de autores como Nelson Rodrigues e Magalhães Junior; a Bibi Ferreira, a quem se deverá a beleza dos movimentos e vozes do espetáculo; a Nidia Licia, Sorci Otílica, Sergio Cardoso, Leonard Vilar e Ranto Restier; a Aníbal Medeiros, autor da cenografia e do vestiário; ao maestro Rafael Bastista, cuja melodia de flauta, à maneira grega, sublinha certas passagens do texto.